



TECENDO TEXTOS, ABRINDO TRILHAS: ESCRITORAS INDÍGENAS CONTEMPORÂNEAS

*Anélia Montechiari Pietrani*¹

*Godofredo de Oliveira Neto*²

*Rita Olivieri-Godet*³

Estamos aqui,
apesar dos tempos sombrios.
Aqui estamos
pelo direito de ser
diferente e viver
porque somos iguais
nas diferenças.

Graça Graúna, em “Ao redor da fogueira”

Os versos iniciais do poema de Graça Graúna iluminam este dossiê sobre literatura indígena de autoria feminina. Mulheres, homens, crianças, anciãos se reúnem ao redor da fogueira. Um passa para o outro o que ouve do outro nestes tempos sombrios da indiferença, lançando fagulhas luminosas sobre o anseio de igualdade nas diferenças. Há quem sabe mais porque é mais velho. Há quem realiza mais porque é mais novo. Centelhas lembram que, no contexto atual do movimento de afirmação das culturas dos povos originários observado nas Américas, a literatura indígena de autoria feminina ocupa um lugar de destaque no processo de superação da invisibilização étnica.

1 Professora Associada de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aneliapietrani@letras.ufrj.br.

2 Professor Titular de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, godofredoneto@letras.ufrj.br.

3 Professora Emérita da Université Rennes 2, Membro da equipe de pesquisa ERIMIT, Membro Honorário do Institut Universitaire de France, ritagodet20@gmail.com.

Faiscantes, os ensaios, as entrevistas e as resenhas que compõem este dossiê propõem reflexões sobre um *corpus* de autoria de mulheres indígenas que tensiona as relações com as culturas nacionais institucionalizadas. Essa tensão se inscreve no próprio tecido linguístico, uma vez que as autoras recorrem a uma estratégia canibalesca que consiste em se apropriar das línguas europeias colonizadoras para se autorrepresentarem, produzirem um novo imaginário, recriarem mundos e cosmovisões, subvertendo os paradigmas da colonialidade que se perpetuam na contemporaneidade.

De fato, os estudos aqui publicados contemplam as questões atinentes a essa produção, atravessada pela subjetividade feminina e pelo desejo de emancipação literária e social. A decolonialidade e despatriarcalização traçam a perspectiva. Entre outras pistas que se oferecem à reflexão, destacam-se a contextualização das vozes das escritoras indígenas; a relação da escrita com a práxis política; o resgate da memória ancestral e sua transmissão intergeracional; a representação da dimensão da historicidade do espaço; a espoliação dos territórios autóctones; a intersecção entre a memória do território autóctone e as paisagens urbanas; a experiência sensorial do espaço; a sensibilidade erótica; as formas originais de expressão artística; a fricção linguística e cultural.

Numa perspectiva interamericana, o objetivo central é montar uma antologia crítica sobre as vozes indígenas femininas que se destacam no espaço literário contemporâneo das Américas. Auritha Tabajara, Eliane Potiguara, Graça Graúna, Márcia Kambeba, Mariela Tulián, Sony Ferseck, Terese Marie Mailhot são algumas dessas vozes – algumas centelhas que promovem o diálogo para além das fronteiras nacionais, como também para além de um mundo que deseja deixar fora da mesma fogueira indígenas e não indígenas.

Coração na aldeia, pés no mundo, de Auritha Tabajara, é o motivo do ensaio de Ana Maria de Carvalho, que abre o dossiê. Seu objetivo é discutir a escrita indígena de autoria feminina como forma de resistência e quebra do silenciamento infligido à história indígena. Para a ensaísta, Auritha Tabajara compreende a escrita literária como autoexpressão de seus valores e vivências, assim como é uma forma de unir as forças e as vozes de todas as mulheres indígenas, em busca de respeito e preservação de seus direitos.

No ensaio seguinte, Débora Francisca de Lima parte da reflexão sobre como a categoria do silenciamento está imbricada com a violência. Fazendo uma seleção de poemas de *Metade cara, metade máscara*, de Eliane Potiguara, ela demonstra como a poesia de Potiguara desconstrói a ideia eurocêntrica de submissão e conformismo indígenas, ao contar poeticamente a história da diáspora dos povos originários e presentificar, em seus versos, os rastros de memórias de seus antepassados. A ênfase aqui é dada à importância da construção das histórias pelas mulheres

indígenas, de modo que elas sejam protagonistas das próprias histórias e suas vozes sejam destacadas na ação de recontação das histórias de seu povo.

O processo de recontação de histórias também alimenta o ensaio de Fernanda Vieira de Sant'Anna sobre a autobiogeografia indígena *Heart Berries: a Memoir*, de Terese Marie Mailhot (Seabird Island Band). Na construção de seu texto, Sant'Anna parte de uma *metodologia fronteriza*, em que seus conhecimentos como pesquisadora, escritora e sujeita da pesquisa se encontram em uma identidade tanto individual quanto coletiva, de forma a corroborar a práxis decolonial pautada pelo respeito às/aos ancestrais e à palavra milenar. Segundo a ensaísta indígena, a autobiogeografia de mulheres indígenas consiste na (re)escrita de si mesmas, trazendo à tona traumas e memórias pessoais e transgeracionais. Nesses termos, a obra de Terese Marie Mailhot é exemplo de que o (re)contar histórias pessoais e coletivas reescreve e cria mundos outros além do projeto colonial com sua monocultura do pensar e do ser.

Maria do Carmo Moreira de Carvalho e Algemira de Macêdo Mendes assinam o ensaio sobre os poemas “O segredo das mulheres” e “Mulher!”, recolhidos de *Metade cara, metade máscara*, de Eliane Potiguara. Destacando, nesses poemas, a força e a importância da mulher indígena para a tradição e para a cultura de seu grupo, as ensaístas voltam seu olhar para a imagem dessa mulher sob o viés da afirmação, identidade e libertação cultural e ancestral. A ideia central é desnacionalizar a abstração do Brasil como colônia.

Márcia Kambeba, integrante do povo Omágua/Kambeba, é estudada por Paulo Marcelino dos Santos e Elizabeth Gonzaga de Lima. Palavra e imagem, poesia e fotografia registram, divulgam, valorizam, visibilizam, apresentam outras formas de narrar a história de seu povo. A análise que empreendem dos poemas “O tempo do clima”, “Gota pequena” e “Aldeia Tururucari-Uka”, de Márcia Kambeba, dá conta de mostrar a conexão estabelecida pela multiartista indígena e por seu povo com o tempo da natureza, a memória cultural e a história, de modo a promover uma abertura para a diversidade de saberes e a autodeterminação histórica dos povos originários.

A leitura comparativa das obras *Criaturas de Ñanderu*, da autora Potiguara brasileira Graça Graúna, e *La pequeña Francisca*, da escritora Mariela Tulián (povo Comechingón/Argentina), feita por Randra Kevelyn Barbosa Barros, enriquece este dossiê. Duas histórias criadas por duas autoras situadas em dois espaços diferentes de Abya Yala tomam como mote um aspecto fundamental das auto-histórias, no dizer de Graça Graúna, e de suas perspectivas cosmológicas: personagens avós narram histórias e transmitem seus saberes.

Se a representação da natureza é tema recorrente na poesia infantil produzida no Brasil, por que os estudos sobre tal temática, sob a perspectiva da literatura de autoria indígena, ainda são escassos? E que papel tem a escola nessa discussão? Na tentativa de ampliar esse debate,

Rinah de Araújo Souto e José Hélder Pinheiro Alves escrevem sobre as possibilidades de leitura da poesia indígena em sala de aula e sua contribuição para a formação do leitor multicultural, ao analisarem o livro *Flor da mata*, de Graça Graúna. Os elementos da natureza evocados poeticamente nos haicais do livro constituem exercícios de alteridade, uma vez que o encontro com o texto poético permite tanto a sensibilização para com as textualidades indígenas, quanto o reconhecimento da pluralidade de saberes do mundo.

Na composição do dossiê, contamos ainda com duas entrevistas. Na primeira delas, Auritha Tabajara conversou com Janda Montenegro sobre seu processo criativo e literário, enfatizando a influência decisiva de sua avó para sua iniciação na escrita. Autora de literatura de cordel, ela comenta como foi escolhida por esse universo literário majoritariamente ocupado por homens. Consciente da necessidade de ampliar esse horizonte, ela defende, em sua produção artística, a valorização identitária dos povos indígenas e o respeito às pessoas LGBTQIAP+, em especial as indígenas LGBTQIAP+.

Graça Graúna é a entrevistada de Marta Passos Pinheiro, Guilherme Trielli Ribeiro e Viviane de Cássia Maia Trindade. Nessa entrevista, ela responde a questões sobre a concepção e publicação da literatura indígena, suas especificidades no Brasil, a atuação da mulher escritora indígena, a prática do “escrever”, a presença indígena na literatura modernista e sua mais recente publicação: *Fios do tempo (quase haikais)*. A poeta chama a atenção para o caráter coletivo, ancestral, de resistência e resiliência da literatura indígena, identificando-a como um conjunto de produções orais e escritas. A contribuição da mulher indígena nos campos da educação, da política e das artes também é sublinhada pela poeta. Graça Graúna ainda reconhece, em sua obra, a forte presença de questões sociais relacionadas aos direitos humanos e ao meio ambiente, bem como a responsabilidade de escrever sobre o universo indígena.

Duas resenhas encerram este dossiê. *Fios do tempo (quase haikais)*, de Graça Graúna, publicado em 2021, merece a atenção de José André Souza Silva e Rosivânia dos Santos, que estabelecem uma leitura produtiva do livro com a produção ensaística da autora e seus livros publicados até então. Além disso, destacam a especificidade dos haicais de Graça Graúna e o formato original do livro em publicação cartonera.

O livro *Weiyamî – mulheres que fazem sol*, de Sony Ferseck, é apresentado por Rita Olivieri-Godet, uma das mais importantes estudiosas da literatura indígena de autoria feminina e divulgadora dessa literatura no exterior. Também integrante da organização deste dossiê, Olivieri-Godet brinda os leitores da *Revista Diadorim* com seu estudo sucinto, mas percuciente sobre o imaginário Makuxi na poesia de Sony Ferseck. A exuberância das cores dos bordados de Georgina Ars e as poéticas orais do povo Makuxi, na obra de Ferseck, dançam e cantam a cura, a resiliência e a resistência identitária. O ato de escrever se torna, assim, um ritual. O livro

de Sony Ferseck é também um ritual – o ritual poético do caminho de mulheres encantadas que fazem sol/Wei.

Por fim, é preciso registrar. Esta apresentação foi escrita no dia em que o Presidente do Brasil vetou o projeto de lei que mudaria a nomenclatura “Dia do Índio” para “Dia dos Povos Indígenas”. A mudança não é de menor importância, como sua excelência parece disseminar. Indígena significa original da terra em que vive. Além disso, substituir uma palavra que veio de fora – com a aparência de que sempre foi uma palavra de dentro, como ensinado durante anos e anos de escolarização monocultural – para o autóctone plural é revelador de que a fogueira pode ser uma, mas as centelhas são infinitas. O fogo da linguagem diz o que o poder e a ordem estabelecida querem apagar em silêncio.

Rio de Janeiro (Brasil), Rennes (França), 2 de junho de 2022.